



O MEDO QUE SE TRANSFORMA

(Re)interpretações da Bruxa
no Norte Portugal

ENTREVISTAS
ANEXO III



SARA ISABEL
DUARTE



As transcrições incluídas neste anexo resultam de entrevistas realizadas no âmbito da investigação *O Medo Tornado Poder: (Re)interpretações da Bruxa no Norte de Portugal*. A recolha de dados contou com a autorização e consentimento do responsável pela organização envolvida, e todos os participantes forneceram consentimento informado para a utilização dos seus testemunhos. Para proteger a identidade dos entrevistados, todos os nomes e elementos identificativos foram omitidos ou alterados. Este anexo pretende apresentar os depoimentos de forma directa, mantendo a confidencialidade necessária.

1.1 INQUIRIDO 01 – Sr.Otelo

Responsável pela Organização Da Festividade
e Ecomuseu do Barroso

Entrevistadora: Olá, boa tarde. Agradeço imenso o tempo que disponibilizou para falar comigo durante os preparativos da festividade.

Sr. Otelo: Não faz mal nenhum, é útil, e nós é que agradecemos.
Entrevistadora: Preparei um pequeno questionário e gostaria que se sentisse à vontade para falar abertamente sobre o tema e sobre a cidade de Montalegre.

Sr. Otelo: Isto começou de forma muito simples, graças ao Padre Fontes. Inicialmente, celebrava-se apenas às sextas-feiras 13, com jantares entre as pessoas da região e o padre. Entretanto, começou a ganhar fama e dimensão, e o município decidiu adotar um projeto para trazer estes pequenos jantares para as ruas da vila, mas com mais animação. Hoje em dia, chegamos a receber mais de 40.000 pessoas para viverem esta festividade.

Entrevistadora: Pelo que observei na minha pesquisa, isto tornou-se, de facto, uma grande organização...

Sr. Otelo: Sim, temos até empresas envolvidas e mais de 150 pessoas a trabalhar ativamente para que tudo corra bem. Dependendo da época do ano, há maior necessidade de pessoal e preparativos. O mês de setembro foi muito convidativo, ao contrário de dezembro. Acho que nesta altura a festividade é mais pequena, intimista e acolhedora, mas não deixa de ser especial. Até porque anoitece mais cedo e, para criar um ambiente mais místico e confortável, preparamos várias lareiras abertas pela vila. Tentamos também destacar a cultura celta e reviver a queimada galega, já que estamos muito perto da Galiza.

Entrevistadora: Acha que há mais pessoas nesta época, visto que estamos próximos de outras festividades como o Halloween? Ou há outra altura que se destaque? Claro que as sextas-feiras 13 variam, mas mesmo assim...

Sr. Otelo: Sim, sim. Há sempre muita gente, independentemente da época, até com chuva. Há momentos em que superamos todas as expectativas. Além desta festividade, organizamos também a Feira do Fumeiro, e são os dois maiores eventos da região norte. E veja bem, estamos a falar de uma vila tão pequena, mas que consegue atrair imensas pessoas, seja de fora, emigrantes ou até mesmo do resto do país.

Entrevistadora: Agora falando um pouco mais sobre o tema... Acredita ou conhece algum mito aqui da região? Alguma história?

Sr. Otelo: (risos) Há sempre um fundo de verdade, e quem interage com a população mais velha acaba por conhecer uma ou outra coisa. Talvez

bruxas não, mas fenómenos associados às tradições, sim. Algumas práticas eram comuns. Por exemplo, a medicina popular, que o Padre Fontes valorizou, tinha muito a ver com isso. Quem vivia nesta região estava bastante isolado, não havia médicos, por isso as pessoas tiveram de encontrar formas alternativas para tratar as doenças. Com o tempo, surgiram outras figuras que seguiam essa linha, e o que começou com práticas populares acabou por dar origem a este ambiente místico.

Entrevistadora: Além do Padre Fontes, está familiarizado com alguma outra figura associada à bruxaria? Algum mito ou local específico?

Sr. Otel: Sim, temos aqui perto, por exemplo, a Ponte da Mizarela, um local muito bonito e icónico. Está associada a uma lenda de fertilidade. Já ouvi testemunhos de pessoas que dizem ter engravidado depois de passarem por lá.

Entrevistadora: Falando um pouco do seu trabalho. Qual é a participação do Ecomuseu na festividade? Vi que estão bastante envolvidos.

Sr. Otel: Sim, sem dúvida. Eu sou o responsável e estou diretamente ligado à organização da estrutura e dos eventos. Tudo o que envolve a cultura da região passa pelo Ecomuseu, e estamos sempre a trabalhar para preservar e valorizar estas tradições.

Entrevistadora: Certo. Este tema, ao passar pelo cinema e por outros meios, sofre muitas vezes mutações que nos levam a ter ideias deturpadas e até mesmo pejorativas sobre a bruxaria. Acha que esta festividade serve para preservar essas tradições ou acaba por distorcê-las?

Sr. Otel: Isto aqui já não está muito ligado à crença, mas sim ao espírito da festa. As pessoas gostam de vir, ver os espetáculos, tirar fotografias e brincar com a ideia do azar, já que não deixa de ser uma Sexta-feira 13. Passam a noite aqui, divertem-se. Infelizmente, talvez já não seja como antigamente, porque no fundo transformou-se numa festa de rua. Não estamos à procura de reviver a atividade em si.

Entrevistadora: Eu desconhecia esta festividade antes de me dedicar à pesquisa para a minha investigação. Mas acredito que, com a comunicação e divulgação que existe, acabaria por conhecê-la eventualmente...

Sr. Otel: Sim isto tem sido amplamente divulgado. Inclusive em fevereiro, vamos disponibilizar o espólio do Padre Fontes, tanto online como fisicamente, com documentos e informações sobre a história dele. Temos uma equipa que se disponibilizou a tratar dos arquivos e eventualmente serão divulgados nessa altura.

Entrevistadora: Acho ótimo! É um trabalho valioso. Já que abordamos o papel do Padre Fontes, e falando agora sobre a própria região, há

registos de outras práticas místicas por aqui?

Sr. Otelo: Maioritariamente, só do Padre Fontes, sim.

Entrevistadora: Então diria que só o Padre trabalhava com este tipo de práticas?

Sr. Otelo: Não nego que, nas aldeias, houvesse sempre quem fizesse mesinhas e outros trabalhos. Mas como eram comunidades isoladas, nada ficou escrito. O que o Padre Fontes fez foi especial — ele estudou, escreveu e trabalhou ativamente nesta área, num nível maior e para um público mais abrangente. Sendo antropólogo e até historiador, conseguiu divulgar estas práticas e, aos poucos, envolver o município.

Entrevistadora: Sim, acho particularmente interessante ter sido um Padre a desenvolver esse trabalho, já que a doutrina religiosa costuma rejeitar estas ideias...

Sr. Otelo: Sim, de facto, surgiram alguns problemas. Para o Bispo, o facto de um Padre mexer com este tipo de assuntos gerou bastante polémica na altura.

Entrevistadora: Sendo uma figura tão popular, e numa época em que não havia médicos ou outro tipo de assistência, acho fascinante que tenha tido essa preocupação com os cidadãos.

(...)

1.2 INQUIRIDO 02

Entrevistadora: Bom dia, posso fazer-lhe algumas perguntas?

Inquirido: Claro, diga.

Entrevistadora: Sei que vive em Vilar de Perdizes. Suponho que acredite em bruxas, certo? Afinal, o local tem essa fama.

Inquirido: Que há, há. Como dizem os espanhóis.

Entrevistadora: E como comercializa ervas e produtos medicinais alternativos, imagino que esteja completamente aberto às medicinas alternativas, certo?

Entrevistadora: Conhece pessoalmente alguma bruxa ou algum tipo de trabalho?

Inquirido: Não, não. Dentro desta festa e deste ambiente, conhecemos o sistema. Mas desse tipo de práticas, não conhecemos ninguém nem as seguimos. Conhecemos, pelo menos, o trabalho do Padre Fontes, mas atualmente está envelhecido e já não é praticante, apesar do seu grande legado.

Entrevistadora: Refere-se a esta zona e não ao local onde vive?

Inquirido: Certo.

Entrevistadora: Então acha que a prática caiu em desuso? Há uma nova geração de bruxas que não se compara à antiguidade?

Inquirido: Não. Acho que este ambiente agora é mais de “borga”, está em declínio, mais virado para a diversão. Não há jovens ou praticantes que venham cá para aprender. Há muitos artistas e figurantes, mas não passa disso, sempre dentro do espírito da festa.

Entrevistadora: Acha que estes eventos deveriam ter um caráter mais educativo?

Inquirido: Não sei se deveriam. Já na minha geração não havia essa abertura.

Entrevistadora: Se me permite, nós, pessoas comuns, por vezes fazemos pequenos rituais, como queimar incenso e velas ou usar canela no início do mês. Revê-se nisso?

Inquirido: Não, dedicamo-nos mais ao que é 100% natural. Como disse, os espanhóis diziam que “elas por aí andam”, mas aqui não vejo nada.

Entrevistadora: Não há sequer um local dedicado à bruxaria?

Entrevistadora: Acha este tema curioso?

Inquirido: Não acho que seja algo que faça mal, mas a mim passa-me ao lado. Sejam locais ou o que for.

(...)

Nota: Foi notório que o inquirido se mostrou apreensivo em comentar sobre o tema. Ainda assim, validou um aspeto já identificado na investigação relativamente à festividade. Referiu que a Sexta-feira 13, em tempos, assumia um caráter mais familiar, de menor dimensão e associado às medicinas alternativas, enquanto atualmente se caracteriza sobretudo por um ambiente de natureza comercial.

1.3 INQUIRIDO 03

Entrevistadora: Olá, boa tarde. Sou uma aluna de belas-artes e estou a realizar um inquérito sobre bruxas...

Inquirido: Que há bruxas, há. Mas não tenho uma opinião formada sobre o assunto. Não acredito a 100%.

Entrevistadora: E naquelas que andam de vassoura e tudo?

Inquirido: Nessas já acredito! (risos)

Entrevistadora: Bem, eu tenho uma opinião contrária, dado que numa perspectiva histórica, quando surgiram, desempenhavam um papel importante nas pequenas comunidades, pois ajudavam muitas pessoas. Lembro-me, por exemplo, da minha avó contar histórias de pequenas curandeiras que tratavam doenças como a papeira, entre outras.

Inquirido: Sim, de facto. Dessas há em todo o lado.

Entrevistadora: Sendo assim, ainda acha que não existem?

Inquirido: Não, de maneira nenhuma. Acredito mais na lógica. Prefiro a medicina convencional à alternativa.

Entrevistadora: Obrigada por partilhar.

(...)

1.4 GRUPO DE INQUIRIDOS

Entrevistadora: Gostava de saber se conhecem alguma bruxa, se sabem de locais relacionados e como se sentem em relação ao tema...

Inquirido 1: Sim, claro.

Entrevistadora: Sendo assim, por acaso é praticante?

Inquirido 1: Não. (risos) Mas acredito.

Entrevistadora: Falo por mim, às vezes gosto de acender incenso. Tenho familiares que fazem rituais para prosperidade no início do ano e outros do género. Já ouviu falar?

Inquirido 1: Ah, disso já. Às vezes coloco sal nos cantos da casa.
Entrevistadora: No fundo, isso são atos ritualísticos. Não a querendo chamar de bruxa, obviamente. (risos) Mas algumas pessoas nem pensam nisso ou preferem não pensar.

Inquirido 1: Revejo-me perfeitamente.

Entrevistadora: Por exemplo, eu sou do Porto e já me contaram várias histórias. Tem alguma em particular?

Inquirido 1: Sim, conheço algumas, por exemplo, sobre tirar o bucho.

Inquirido 2: E andar à roda da fogueira.

Inquirido 1: Ah, isso já é dos filmes e do magusto. Está mais ligado à prosperidade.

Inquirido: O meu marido é capaz de lhe contar inúmeras histórias.

Inquirido 3: Boa tarde, prazer.

Inquirido 1: A menina está a fazer um inquérito sobre algo que tu gostas.

Inquirido 3: Certo! De forma breve, perto de uma aldeia onde moramos, dizia-se que as famílias deitavam as crianças mais cedo, antes do pôr do sol. Os restantes familiares ficavam à lareira, enquanto as crianças dormiam sozinhas no quarto. Contava-se que, quando voltavam, as crianças apareciam sempre debaixo da cama. Dizia-se que eram algumas bruxas que lhes trocavam as voltas. Também há histórias de alguém que espetou uma forca na lareira e, supostamente, a bruxa apareceu ali.

Entrevistadora: Fascinante. Só por curiosidade, de onde são?

Inquirido 3: Somos de Coimbra.

Entrevistadora: Certo, obrigada. Para terem uma ideia, o meu estudo vai focar-se mais na região Norte. Não há muitas festividades dedicadas ao tema das bruxas, além das feiras medievais.

Inquiridos: Pois, exatamente. Viemos à procura de mais bruxas e mais conteúdo, já que somos aficionados.

Todos: Concordamos que havia pouco conteúdo.

Inquirido 3: Na zona de Cantanhede, havia uma pinheira onde se dizia que elas se encontravam. Há muito por explorar nessa região, mas acabou por se perder.

Entrevistadora: Pois, de facto, é triste e uma pena. O problema da

minha investigação é precisamente esse: há pouca documentação, pois trata-se de algo que provém da tradição oral. Além disso, é um tema historicamente reprimido, que parece não querer sair do oculto. Gostaria de escrever um livro que abordasse todos esses aspetos, incluindo o poder feminino.

Inquirido 3: Sim, sim, sim. A minha mãe fala muito sobre o poder feminino. Por exemplo, quando há lua cheia, diz-se que é um momento propício para certas práticas que ainda hoje se fazem. Já vimos isso acontecer na nossa zona, tanto em florestas como em praias e dunas. Esse fenómeno observa-se bastante e está tudo interligado com o poder feminino. Ela também sempre me disse que os bruxos são piores do que as bruxas.

Entrevistadora: Certo. Já vi algumas referências que não mencionam muito os bruxos, mas, geralmente, observa-se que “o homem procura a lógica através da ciência e a mulher procura a solução”. No fundo, as bruxas tentavam usar os recursos da terra e o que o mundo lhes dava, adaptando-os para o seu benefício (...).

Inquirido 3: Pois, por exemplo, nos rituais, aquele símbolo com que estamos familiarizados – a estrela, o pentagrama – representa todos os elementos em conjunto.

Entrevistadora: Em relação aos rituais, sou bastante iniciante e não conheço muito, apesar de admirar o que estas entidades fazem. Pelo que observo, tudo é feito para o bem próprio, e não para o mal de alguém... Mas isso é apenas a minha opinião.

Inquirido 3: Sim, tens razão. A ideia que as pessoas têm das bruxas é muito errada, porque, na verdade, sempre foram curandeiras que procuravam o bem maior. Elas sabem aceder a rituais e feitiços sem precisar de “vender a alma” a alguma entidade superior. Isso é um grande equívoco. Satanismo é uma coisa, bruxaria é outra. Mas, claro, tudo depende da intenção de cada um.

Entrevistadora: Agradeço imenso por esta conversa.

(...)

Nota: A família inquirida revelou-se extremamente atenciosa e demonstrou entusiasmo em participar no inquérito. Observou-se que todos estavam bastante familiarizados com o tema e abordaram-no sem qualquer sinal de desconforto. Em contraste, os habitantes da localidade adotaram uma postura mais reservada, o que reforça a perceção de que o lugar poderá não estar tão envolto em misticismo e bruxaria como é frequentemente referido.